



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

BENEDITO ERIVALDO DE SOUSA MATOS

**O centro da periferia: um recorte espacial da feira
livre do Pedregal.**

Brasília
2012

BENEDITO ERIVALDO DE SOUSA MATOS

**O centro da periferia: um recorte espacial da feira livre do
Pedregal.**

Monografia de Graduação em Ensino de Geografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Professora Orientadora: Dra. Ruth Elias de Paula Laranja

Brasília
2012

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

BENEDITO ERIVALDO DE SOUSA MATOS

**O centro da periferia: um recorte espacial da feira livre do
Pedregal.**

Monografia de Graduação em Ensino de Geografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Data da Aprovação: _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Ruth Elias de Paula Laranja - Orientadora
Universidade de Brasília – UnB – Departamento de Geografia

Professor Doutor Mário Diniz de Araújo Neto - Examinador
Universidade de Brasília – UnB – Departamento de Geografia

Professora Mestra Ana Cláudia Rodrigues- Examinadora
Universidade de Brasília – UnB – Departamento de Geografia

Brasília
2012

FICHA CATALOGRÁFICA

MATOS, Benedito Erivaldo de Sousa, O centro da periferia: um recorte espacial da feira livre do Pedregal.

Distrito Federal, Brasília, 15 de dezembro de 2012. 42 p. (IH/GEA/UnB, Licenciatura. Geografia, 2012).

Monografia, Trabalho Final em Geografia II. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências. Departamento de Geografia.

[IH/GEA/UnB]

I. Feira Livre. II. Centralidade. III. Consumo. IV. Renda. V. Sociabilidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MATOS, Benedito Erivaldo de Sousa. O centro da periferia: um recorte espacial da feira livre do Pedregal. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Brasília, 2012, 40 p.

CESSÃO DE DIREITOS

AUTORIA: Benedito Erivaldo de Sousa Matos

TÍTULO: O centro da periferia: um recorte espacial da feira livre do Pedregal.

GRAU – ANO: Licenciado em Geografia – 2012.

Qualquer parte dessa monografia pode ser reproduzida, desde que citada à fonte.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que esse momento acontecesse. Agradeço aos meus pais pelos ensinamentos para a vida, à minha esposa Ivete pela compreensão, em especial, à minha filha Carolina por compartilhar parte do seu tempo para auxiliar-me nas questões relativas a informática e nas discussões sobre temas referentes a Geografia. Agradeço aos meus irmãos e amigos pelo apoio incondicional.

Agradeço à Professora Ruth Laranja pela paciência e confiança na orientação, à professora Marília Peluso pela atenção e defesa dos alunos Curso de Geografia do EAD, que possibilitou chegarmos até aqui, à Beth e à Glaucione pela dedicação e incentivo nos momentos difíceis.

Sou grato aos professores e tutores do Departamento de Geografia UnB pelas disciplinas cursadas que me ofereceram a oportunidade de aprofundamentos teóricos e práticos na busca pela compreensão do mundo, aos colegas e amigos da graduação pelo compartilhamento das alegrias, incertezas, angústias, principalmente, ao Evoneis, Ana Paula Augusta e Ana Paula Ribeiro que fizeram parte do grupo na orientação deste trabalho, Aos consumidores e feirantes da feira do Pedregal que cederam tempo e atenção para responder os questionários.

RESUMO

Na contemporaneidade, apesar da modernização do comércio nas cidades, a feira-livre vem persistindo principalmente nas periferias, como lugar, sobretudo, onde os mais pobres buscam ocupação, renda e consumo, oferecendo ao consumidor urbano uma alternativa a mais para aquisição de uma gama de produtos e também como espaço de sociabilidade. O presente estudo analisa através de observação, pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica a centralidade da Feira do produtor rural Benedito Dantas dos Santos. Funcionando aos domingos, conhecida por feirantes e frequentadores como feira do Pedregal, ela está situada na cidade de Novo Gama – GO, atrair pessoas das cidades do entorno e do Distrito Federal. Ela tem uma importância econômica, social e cultural tanto para os feirantes quanto para os consumidores, sendo um dos traços mais marcantes da dinâmica do entorno sul do Distrito Federal. Embora aconteça apenas no domingo, ela oferece um “caldo social”, caracterizado por uma multiplicidade de relações, imprimindo um dinamismo e centralidade na cidade do Novo Gama diferente do habitual nos outros dias de semana.

PALAVRAS CHAVES: Feira Livre, Centralidade, Consumo, Renda, Sociabilidade

ABSTRACT

In contemporary times, in spite of the modernization of trade in the cities, the street market comes persisting mainly in the outskirts, such as place, especially where the poorest seek occupation, income and consumption, offering urban consumer an alternative to purchasing a range of products as well as a space of sociability. This study analyzes through observation, field research and bibliographical research the centrality of street market, rural producer Benedito Dantas dos Santos. Running on Sundays, known by merchants and regulars as street market do Pedregal, it's situated in the city of Novo Gama-GO, attracting people from surrounding towns and the Federal District. It has a social, cultural and economic importance for both merchants and consumers, being one of the most striking features of the dynamics surrounding Southern Federal District. Although it happens only on Sundays, it offers a social mix characterized by multiplicity of relations, printing a dynamism and centrality in the town of Novo Gama different than usual.

Key-Words: Street market, Centrality, Consumption, Income, Sociability.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

GO - Estado de Goiás

DF- Distrito Federal

SEPLAM - Secretária de Planejamento

MPDFT - Ministério Público do Distrito Federal e Territórios

MP-GO - Ministério Público de Goiás

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	2
1.1- OBJETIVOS.....	5
1.1.1 - Objetivo geral	5
1.1.2 - Objetivos específicos:.....	5
2 - REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1- Análise histórica/ Trajetória das feiras livres/ Feiras: uma revisão conceitual	6
2.2 - Perspectiva Geo-histórica.....	7
2.3 - Feiras no Brasil.....	8
2.4 - Feira: contribuição à produção do espaço	9
2.5 - As Feiras e o Setor Informal da Economia.....	9
3 - METODOLOGIA	12
4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
4.1 - Características e dados da cidade do Novo Gama.....	13
4.2 - A feira do Pedregal e a dinâmica sócio-espacial	14
4.3 - Organização e processos de ocupação dos espaços na feira.....	15
4.4 - Descrição dos resultados das entrevistas	18
4.4.1 - Perfil dos consumidores	18
4.4.2 - Perfil dos feirantes	21
5 - ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	24
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 e 02 - Comércio irregular fora da área destinada à feira	14
Figura 03 e 04 - Bancas na área regularizada.	14
Figura 05 - Local da Feira do Pedregal em dia útil. (Imagem do Google Earth)	16
Figura 06 - Feira do Pedregal dia de domingo. (Imagem do Google Earth)	17
Figura 07 e 08 - Apresentações de Capoeira e Forró na feira	17
Figura 09 e 10 - Setor de comidas e bebidas; bancas de diversos	17
Figura 11 - Gráfico com consumidores por sexo e estado civil	18
Figura 12 - Faixa etária dos consumidores	18
Figura 13 - Local de residências dos consumidores.	19
Figura 14 - Gráfico: grau de instrução dos consumidores	19
Figura 15 - Como ficou sabendo da feira	20
Figura 16 - Frequência que os consumidores pesquisados vão à feira	20
Figura 17 - Local de residência dos feirantes	21
Figura 18 - Escolaridade dos feirantes	23
Figura 19 - local onde adquire os produtos	22

1- INTRODUÇÃO

A feira livre está presente na cultura popular brasileira desde a época colonial, sendo trazida ao Brasil pelos portugueses. As primeiras que se tem notícia no Brasil realizaram-se no nordeste, o registro mais antigo é de 1732, no sítio Capoame¹, na Bahia. Entre o século XVII e XVIII com crescimento demográfico e a diversificação da economia surgiram outras feiras na região. Elas tiveram um papel relevante na formação de núcleos urbanos nessa região com as tradicionais feiras de gado, que no início da colonização foram responsáveis pela formação de povoamento no interior.

A partir de então, este fenômeno se expandiu por todo o território brasileiro, desempenhando um relevante papel no abastecimento dos mais diversos tipos de produtos. Atualmente em algumas pequenas cidades brasileiras são a forma de comércio mais importante. Já nas grandes cidades tornaram-se, de certa forma, desprezadas por parte da população, principalmente com o atual processo de mundialização da economia que criou novas formas de comercialização, mas como esse processo não chega com a mesma forma e intensidade em todos os lugares, ela resiste na periferia. Assim as feiras continuam existindo na maioria das cidades brasileiras, mantendo sua importância para as populações locais, principalmente, onde o capitalismo para a sua reprodução, induz que parcelas do espaço e da sociedade fiquem à margem do desenvolvimento social e econômico.

Como uma modalidade de comércio, elas desempenham um papel relevante no abastecimento de uma infinidade de produtos para uma parcela da população urbana e possibilitam que o pequeno produtor rural venda o que excede em sua produção. Além disso, é um lugar onde se realizam várias manifestações da cultura popular, ocasionado encontro e reencontro de pessoas, constituído um importante ambiente de sociabilidade. Nos dias de feira a dinâmica do local onde se realiza é alterado diante da movimentação de indivíduos que circulam da própria cidade, de localidades rurais próxima, de outras cidades e até de outros estados, conforme o raio de alcance das atividades realizadas na feira. Atualmente nas cidades contemporânea, elas têm certo caráter marginal, pois as áreas mais desenvolvidas e

¹ O mais antigo registro é de 1732 sobre a já citada feira de gado no sítio Capoame, na Bahia. Outras feiras de que se têm notícia nesse período são as da freguesia da Mata de São João, da Vila de Nazareth, de Feira de Santana e da Vila do Conde na capitania da Bahia; de Goiana e Itabaianinha na capitania de Pernambuco; e em muitas vilas e cidades de Sergipe (MOTT, 1975). <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/11/7>

valorizadas das cidades não desejam ter uma feira por perto, pois elas trazem transtornos, que os moradores das áreas nobres não querem. Nas grandes cidades as feiras foram substituídas em parte pelos supermercados, e shopping-centers. Desse modo, as dinâmicas urbanas impulsionam a descentralização de serviços e atividades menos elaboradas, que se deslocam do centro tradicional para outras áreas na cidade e seu entorno, como no caso das feiras-livres, onde podem ser encontrados produtos de diversas regiões brasileiras. Nesses locais nos finais de semana a periferia vira centro onde as pessoas buscam mercadorias e diversão

Este trabalho é um estudo sobre feira do produtor rural Benedito Dantas dos Santos. Funcionando aos domingos, é conhecida pelos frequentadores como feira do Pedregal e está situada na cidade de Novo Gama – GO, atraindo comerciantes de cidades de Estados vizinhos e consumidores das cidades do entorno e do Distrito Federal. Possui importância econômica, social e cultural tanto para os feirantes quanto para os consumidores, sendo um dos traços mais marcantes da dinâmica do Entorno Sul² do Distrito Federal. Embora aconteça apenas no domingo, ela oferece uma mistura social, caracterizado por uma multiplicidade de relações, imprimindo um dinamismo e centralidade na cidade do Novo Gama diferente do habitual dos dias úteis. Analisar a centralidade da feira do Pedregal é relevante, afinal esta é uma das maiores feiras livres do Centro- Oeste brasileiro e exerce uma centralidade temporária na periferia sul do Distrito Federal aos domingos quando é realizada.

A feira do Pedregal é um dos produtos da exclusão e expansão metropolitana do Distrito Federal, que cria novas estruturas urbanas e processos econômicos, ocasionadas pela necessidade de consumo da população residente da periferia. Daí a importância de compreender o lugar, identificando os fluxos econômicos e sociais, destacando a importância desta forma espacial. Justificando, assim, um estudo científico para melhor compreensão deste aspecto na composição das novas centralidades urbanas; e também busca entender porque apesar da modernização do comércio com supermercado e shopping-center nas grandes cidades a feira-livre vem persistindo principalmente nas periferias, não apenas como forma de garantir aos pobres uma forma de emprego e renda, ou de oferecer ao consumidor urbano uma alternativa a mais para aquisição de uma gama de produtos, mas também como espaço de sociabilidade.

² As cidades do Estado de Goiás, Valparaíso de Goiás, Cidade Ocidental, Novo Gama, Luziânia, Cristalina, Águas Lindas, Santo Antônio do Descoberto compõem o Entorno Sul do DF.

No caso da feira livre do Pedregal, nos finais de semana, a periferia vira centro com pessoas vindo de cidades como Gama, Santa Maria, Riacho Fundo e outras do DF e de Goiás – Luziânia, Valparaíso, Cidade Ocidental, Santo Antônio do Descoberto, em busca de vender e comprar mercadorias e diversão.

1.1- OBJETIVOS

1.1.1 - Objetivo geral

Compreender a centralidade exercida pela feira do Pedregal no entorno sul aos domingos.

1.1.2 - Objetivos específicos:

- Analisar o perfil socioeconômico dos frequentadores da feira – vendedores, consumidores, visitantes;
- Verificar o papel as relações comerciais na dinâmica espacial da feira;
- Investigar o alcance espacial das atividades econômicas relacionadas à feira
- Verificar se a dinâmica da feira influencia outras localidades

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1- Análise histórica/ Trajetória das feiras livres/ Feiras: uma revisão conceitual

As feiras livres de hoje em nossas cidades se assemelham as feiras da idade Média, com a mesma “desordem”, suas bancas, suas barracas, a dificuldade de se fixar limites. Na feira misturam-se varias classes sociais que trabalham, consomem, divertem-se e estabelecem relações sociais.

Em relação à historicidade das feiras parisienses, Braudel indica:

As feiras urbanas são realizadas geralmente uma ou duas vezes por semana. Para abastecê-las, é necessário que o campo tenha tempo de produzir e reunir os gêneros e possa dispensar uma parte da sua mão de obra para a venda [...]. É verdade que as grandes cidades as feiras tenham que ser diária [...], seja como for, intermitentes ou contínuas, esses mercados elementares entre campo e cidade, pelo seu número e incansável repetição, representa a mais volumosa de todas as trocas produzidas, como observou Adam Smith [...].

Mas vigilâncias e repressões não impedem a feira de se expandir, de engrossar ao sabor da procura, de colocar-se no centro da vida citadina. Frequentada em dias fixos, a feira é um natural centro da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se insultam, passam das ameaças às vias de fato, é nela que nascem incidentes, depois processos reveladores de cumplicidades, é nela que ocorrem as pouco frequentes intervenções da ronda, espetaculares, é certo, mas também prudentes, é nela que circulam as novidades políticas e as outras (BRAUDEL, 1998, p. 16).

A feira se mantém através dos séculos quase da mesma forma, pois é o modo mais transparente de comércio, as trocas são feitas olho no olho. O pagamento normalmente é a vista, mas em alguns casos atualmente, já se aceitam cartão de credito.

A feira não é um simplesmente local de comercialização de mercadorias, mas é também um espaço público no qual relações de trocas não comerciais acontecem, sendo um lugar de importância fundamental para a produção e reprodução de práticas sociais. Analisando as feiras livres compreende-se que eles fazem parte do cotidiano de populações locais de forma mais complexa do que unicamente através das relações de produção, compra e venda.

Araújo e Barbosa (2004), afirmam que a feira se apresenta enquanto um mosaico complexo de interpretações de acordo com a percepção dos sujeitos sociais que nela transitam. Estes podem fazer uma leitura por inúmeros prismas, expressando visões

diferenciadas tanto do ponto de vista social e econômico, como nos aspectos cultural e educacional. (ARAÚJO e BARBOSA 2004, p. 2)

Segundo Servilha e Doula (2009), os mercados e feiras, como espaços livres e públicos, são aqueles, entre outros, onde as dinâmicas sociais e culturais fluem de forma espontânea e intensa, principalmente pelo grande fluxo de pessoas e atividades diárias.

2.2 - Perspectiva Geo-histórica

As feiras tem origem remota, sendo umas das formas de comércio mais antigas, portanto, precisar o período exato do seu surgimento é uma tarefa impraticável. A hipótese mais provável para o surgimento das feiras foi a necessidade de abastecimento e a troca de excedentes de produção por utensílios ou produtos essenciais para a vida nas sociedades humanas, que se fixaram em aglomerações em determinados locais específicos, em determinadas épocas. As feiras eram conhecidas na antiguidade por árabes, romanos, Gregos, Romanos, fenícios. Chineses. Braudel (1998, p. 15), cita que esse tipo de troca em Pompéia, em Óstia, Timgad, Grécia antiga, China clássica, Egito faraônico, Babilônia, África negra, Tlaltecó (México).

Na alta idade Média na Europa, com feudalismo, houve um declínio no comércio e a feira quase que desapareceu, visto que a economia feudal era marcada pela produção para o próprio sustento. As feiras voltaram a ter um papel de destaque para as cidades somente a partir do renascimento do comércio no século XIII. Na idade média as cidades eram muito diferentes das atuais e viviam em constante preocupação com o abastecimento de alimentos e a feira seria a principal atividade econômica, praticamente todos os burgos e cidades desta época tinham suas feiras locais.

Segundo Virgínia Rau (1982, p. 63), a feira mais antiga situada em Portugal tem sua origem no século XI e no século XV existiam cerca de 100 delas em todo o Reino

BORGES apud ALVES fala o seguinte sobre as feiras portuguesas:

“Feira - mercado grande, público. em que se vende toda a casta de mercadorias em certo tempo, uma ou mais vezes por ano. só o governo pode acordar a licença de abrir feira. E costuma preceder informação de *commodo et incommodo*. A nossa concessão baixa pelo Desembargo do Paço. ouvidas as câmaras. Há feiras em que se pagam direitos pela entrada, ou vendas das fazendas e gêneros, e outras que são francas (...). As feiras são de mui remota idade: para as animar, antigamente uniam-nas a um orago, e era junto dos adros e igrejas que se estabeleciam. Os

mercados, isto é, as feiras menores e mais ameadadas removeram ou pelo menos diminuíram muito as antigas feiras. Entretanto, a sua utilidade é inquestionável: por meio delas reúnem-se produtos, facilitam-se as trocas, dá-se a competência, e tenta-se e alcança-se um maior consumo e circulação. Num país de comércio interno muito adiantado, em país de boas estradas, e canais, pode a sua utilidade ser de não grande consideração: porém num país atrasado, cujas povoações são outras tantas ilhas não comunicáveis, as feiras são um meio de instigar a abertura de estradas e comunicações, de introduzir a civilização e de igualar a necessidade e riqueza dos povos. (FERREIRA BORGES apud ALVES, 2005 p.158)

As feiras com o passar do tempo adquiriram uma importância que ultrapassa seu papel econômico, em muitas cidades, no Brasil, em Portugal ou outros lugares, são também um espaço de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas se reúnem e estabelecem laços de sociabilidade. E apesar das evoluções econômicas e sociais elas continuam a desempenhar um papel relevante no abastecimento de produtos que muitas vezes são encontrados para venda apenas nesses locais.

2.3 - Feiras no Brasil

Mott (1975), diz que as feiras no Brasil foram trazidas pelos portugueses e que elas existem desde época colonial, a primeira referência que se tem sobre o estabelecimento de uma feira remonta ao ano 1548, quando no regimento enviado ao governador geral o rei Dom João III ordenava "que nas ditas vilas e povoados se faça em um dia de cada semana, ou mais, se vos parecerem necessários, feira [...]" MOTT(1975, p. 309 apud DANTAS, 2008, p. 90). Assim a feira se espalhou pela colônia abastecendo de alimentos as primeiras vilas e cidades. Para Mascarenhas e Dolzani (2008), a feira livre no Brasil constitui modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos (MASCARENHAS e DOLZANI 2008, p.75). Nos grandes centros urbanos as feiras foram substituídas pelas redes de supermercados, então ela busca o seu espaço na periferia. Desse modo, as dinâmicas urbanas impulsionam a descentralização de serviços e atividades menos elaboradas, que se deslocam do centro tradicional para outras áreas na cidade e seu entorno, como o caso da feira livre do Pedregal, onde podem ser encontrados produtos de diversas regiões brasileiras. Nesse espaço nos finais de semana a periferia vira centro onde as pessoas buscam mercadorias e diversão.

2.4 - Feira: contribuição à produção do espaço

As abordagens teóricas acerca de como funcionam e se organizam as feiras livres e de como vivem as pessoas ligadas a essa atividade estão pouco descritas nas ciências humanas e sociais. Assim, neste trabalho, aborda-se a feira como espaço de relações econômicas e sociais onde também se estabelecem relações socioculturais; numa linha mais clássica, podemos defini-las como sendo um dos elementos componentes da rede de localidades centrais. A configuração da organização das redes urbanas e suas relações econômicas é objeto de muitos estudos, tanto nos países desenvolvidos, como também países subdesenvolvidos. As feiras livres, participando dessas redes urbanas, constituem um dos tipos de como está estruturado o circuito inferior da economia na rede de localidades centrais nos países periféricos.

Para Sposito (1996) “a centralidade é entendida enquanto processo, e o centro como expressão territorial”. Para a autora a centralidade pode ou não ser transitória, porque ela não se institui apenas pelo que está fixo no espaço, mas pelas mudanças ocorridas no decorrer do tempo, no uso, apropriação e sentido dados aos espaços e deles apreendidos.

O processo de urbanização de uma região traz junto à construção uma rede urbana, como no caso do Distrito Federal e o entorno, este sistema integrado de lugares, vai das pequenas e medias as grandes cidades. Pois, para cada metrópole existem centenas de cidades medias e milhares de cidades pequenas quase sem centralidade que somente influenciam o território do município onde se encontram para o qual servem de sede, já as grandes metrópoles ao longo da rede urbana se distribuem em núcleos urbanos com tamanhos e centralidades muito variadas. Para um lugar merecer a designação de central ele deve desempenhar função de centro dominando os bens centrais e os serviços centrais.

Segundo Sposito (1991) o crescimento populacional das cidades leva as áreas centrais a um processo de expansão, através da absorção de áreas/setores limítrofes ao centro, por meio do afastamento de sua população residencial e a transformação de seu uso de solo em comercial e de serviços.

2.5 - As Feiras e o Setor Informal da Economia

Para Christaller (1981), as cidades exercem um poder de atração entre os consumidores do seu entorno, conforme os custos dos seus deslocamentos, também para esse

autor fatores econômicos são decisivos para a existência de cidades. Ele conclui que existem leis econômicas que determinam a vida econômica, e leis econômico-geográficas que determinam o tamanho, o número e a distribuição das cidades. Chistraller (1981) diz que existem duas formas dos produtos chegarem ao consumidor; uma das formas é o consumidor ir aos lugares centrais onde busca o produto ou o produto é oferecido na sua residência, levando em consideração essa diferenciação a feira se encaixa na primeira forma citada. Considerando-se que de acordo com a teoria das localidades centrais a feira é um centro de economia e atividades.

Milton Santos (2008)³, ao contrário de Christaller, levanta a hipótese de que existem dois circuitos na economia urbana dos países periféricos sua teoria diz que cada circuito traz um tipo particular de conexão com a área de influência da cidade.

O circuito superior é representado pelas atividades econômicas tecnologicamente avançadas voltadas para a acumulação de capital, como as grandes empresas transnacionais norteados pela economia global que utilizam tecnologia de ponta, empregam trabalhadores com melhor nível de escolarização/qualificação; enquanto as atividades de comércio têm como foco segmentos das classes média e alta. Já o circuito inferior atende a população e a economia local, é representado pelo trabalho intensivo que utiliza tecnologias superadas; os vínculos de trabalho são precários em termos de proteção social; a atividade comercial dirige-se, prioritariamente, para as camadas médias e desprovidas e visa, principalmente, garantir a sobrevivência. Diz ainda que a seletividade espacial tem raiz nas modernizações tecnológicas e a diferenciação entre possuidores e despossuídos é provocada pela divisão territorial do trabalho e pelo processo de acumulação capitalista.

Ele dá especial importância à localização da posição que o indivíduo ocupa no espaço, expõe que essa localização trás a tona as suas condições de consumo de bens e serviços de acordo com o nível de renda do sujeito, representando as categorias distintas de consumo. Segundo Santos (2008), as condições de evolução da economia moderna e o enorme peso de uma população urbana com baixo nível de vida, que não para de aumentar com a chegada maciça de migrantes vindos do campo, acarretam a existência, ao lado do circuito moderno, de um circuito econômico não moderno, que compreende a pequena

³ O autor interpreta a evolução econômica, social, política e geográfica dos países subdesenvolvidos com base nos fenômenos de urbanização e a organização do espaço econômico das cidades, fala sobre os fenômenos da pobreza e do mercado informal. Apresenta uma interpretação polêmica das causas do mercado informal na economia das cidades.

produção manufatureira frequentemente artesanal, o pequeno comércio de uma multiplicidade de serviços de toda espécie. As unidades de produção e de comércio, de dimensões reduzidas trabalham com pequenas quantidades.

Santos inverte o papel da centralidade versus área de influência e coloca a posição do sujeito como decisiva para sua condição econômica. “O circuito inferior se configura conectando pequenos centros urbanos através da oferta de bens e entre oferta e demanda destes bens” (Santos 2008). Para ele as pessoas de menor poder aquisitivo tem a sua mobilidade reduzida, por isso, ficam presas ao mercado local tendo de recorrer o sistema de distribuição do circuito inferior onde podemos encontrar as feiras livres das periferias.

Corrêa (2001) se destaca nos estudos a respeito dos mercados periódicos. Ao analisar as formas de organização da rede de localidades centrais nos países subdesenvolvidos, o autor usa o termo mercados periódicos para designar as feiras livres estudadas por ele no estado de Alagoas. Segundo o autor “os mercados periódicos são definidos como aqueles núcleos de povoamento, pequenos, via de regra, que periodicamente se transformam em localidades centrais: uma ou duas vezes por semana, de cinco em cinco dias, durante o período de safra, ou acordo com outra periodicidade”.

Segundo Corrêa (2001), a feira tem como agentes comerciantes, produtores rurais, artesãos e consumidores, sendo eminentemente espontânea. Envolve fluxos de mercadorias, pessoas e informações, e, através dela, realiza-se a integração entre áreas rurais, pequenas, médias e grandes cidades. Ligadas ao mercado associa-se à acumulação, mas também na feira a sociabilidade se manifesta. É real, material e eminentemente informal, tendendo a ser hierarquizada, na qual há centros com comércio atacadista para feirantes e centros onde há apenas varejista-ambulante.

3 - METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho fez-se um levantamento bibliográfico, coleta de dados por meio de aplicação de questionários. Utilizou-se a observação da dinâmica da feira, pesquisa de campo exploratória com questionários e pesquisa bibliográfica. No desenvolvimento da atividade pesquisou-se em livros, revista e sites. Visitou-se a feira com intuito de observação e a realização de entrevista durante quatro domingos. Para compreender melhor esse espaço buscou-se traçar o perfil socioeconômico de alguns frequentadores da feira – vendedores, consumidores, visitantes e, por fim, distinguir a dinâmica socioeconômica existente no espaço e o alcance espacial das atividades econômicas, realizou-se uma pesquisa preliminar quantitativa com questionários pré-estabelecidos. . Entrevistaram-se vinte e seis feirantes e trinta consumidores escolhidos aleatoriamente.

No primeiro momento acompanhamos o processo de montagem e organização da feira, que é iniciado na tarde de sábado, quando começa o movimento de alguns feirantes ao armar suas barracas. Porém o movimento maior é registrado entre as oito horas da manhã e o meio dia do domingo, pois é nesse período que as pessoas realizam suas compras. Circulam pela feira pessoas vindas de todos os bairros da própria cidade e de outras cidades próximas do Estado do Goiás e do Distrito federal como Santa Maria, Valparaíso, Gama, Cidade ocidental, Luziânia entre outras.

Na primeira e segunda visita percorremos a área da feira e entendemos que as condições das instalações físicas não são boas, existem apenas dois banheiros públicos próximos aos bares para atender aos feirantes e visitantes. Quanto às bancas, embora existam alguns boxes de alvenaria, predominam na feira as feitas com armação de ferro e outras feitas de madeira com cobertura de lona plástica. Carnes e peixes são exibidos de maneira inadequada sem refrigeração e expostos ao tempo. Esta realidade está relacionada à falta de condições da maior parte dos proprietários para uma melhoria dos pontos de venda e na ausência do Poder Público que não oferecendo as condições mínimas para que os vendedores trabalhem num ambiente saudável e que os consumidores se sintam prazer em comprar nessa feira livre.

No terceiro e quanto domingos realizamos a pesquisa com os questionários aos frequentadores buscando conhecer e compreender o contexto socioeconômico em que estão inseridos os sujeitos da pesquisa.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 - Características e dados da cidade do Novo Gama

A feira do Pedregal está localizada no Novo Gama. Município que tem uma história contemporânea, enquanto unidade autônoma, pois foi criado pela Lei estadual nº 12.680, em 19 de julho de 1995, que emancipou a Região Administrativa de Novo Gama do Município de Luziânia. Porém essa região iniciou a ocupação desde o século XVIII com o ciclo do ouro* e se intensificou no século XX, a partir da criação de Brasília. No de ano 1974 foi criado o Parque Estrela Dalva IV, que mais tarde veio a se chama Pedregal, devido ao solo pedregoso do lugar. A população da cidade do novo gama no censo de (IBGE 2010) foi de 93.718, sendo que mais de 98% do total habitam a área urbana. Segundo o (IBGE 2000) o IDH foi de 0,742; a média do crescimento populacional é próxima de 3,0% ao ano, portanto acima da taxa de nacional de 1,5 % ao ano. O PIB per capita 3.599,32 (IBGE 2010)

Aspectos Físicos: novo gama tem 191.675 km²; faz parte Mesorregião Leste Goiano Microrregião, 012, Entorno de Brasília. É formado pelos Aglomerados Urbanos: Novo Gama, Pedregal, Lago Azul, Lunabel, Residencial Alvorada, Boa Vista, Núcleo Residencial Brasília. Tem como Municípios Limítrofes Norte: Brasília-DF, Leste: Valparaíso de Goiás, Sul: Luziânia, Oeste: Santo Antônio do Descoberto. O Novo Gama está localização em uma posição estratégica, próximo a um sistema de rodovias que lhe permite se ligar aos grandes centros do Brasil, destacando-se as seguintes: BR 040 e BR-060 e DF-020.

A Feira do Pedregal ao longo dos anos cresceu de forma desordenada, o que favorece a comercialização de diversos produtos ilícitos e outros sem o respeito as normas de vigilância sanitária, em especial as carnes de uma forma geral (bovinas, suínas, caprinas, pescados, aves e outros). Este tipo de comercialização, além de passar uma imagem negativa da feira, expõe os frequentadores a possíveis doenças e violência. Preocupado com estas questões o MP- GO e MPDFT tomaram providências no sentido de não permitir este tipo de comércio nos moldes atuais, formalizando pedido de adequação imediata, sob pena de fechamento da feira. Embora a prefeitura municipal entenda que a feira contribui com a geração de emprego, trabalho, renda e arrecadação de impostos, aceitou a proposta de readequação do espaço para atende as exigências apresentadas, mas de fato ainda não realizou as essas mudanças.



Figura 01 e 02 - Comércio irregular fora da área destinada à feira (Fotos Benedito Matos)



Figura 03 e 04- Bancas na área regularizada. (Fotos Benedito Matos)

4.2 - A feira do Pedregal e a dinâmica sócio-espacial

Para falar da feira do pedregal é importante discorrer de como se deu o processo de desenvolvimento e urbanização da região. A transferência da capital do País para o planalto central foi um processo socioeconômico que desempenhou uma forte atração para os imigrantes de todas as regiões do Brasil, que vieram em busca de trabalho e melhores condições de vida. Porém muitos deles eram trabalhadores rurais pobres e não conseguiram se estabelecer do Distrito Federal, seja porque os programas habitacionais dos governos não os atenderam e/ou devido as suas deficiências educacionais, não lhes foi permitindo acesso aos melhores postos de trabalho, que acarretou falta de recursos financeiros dificultado à permanência em Brasília. Essa situação induziu ao processo de ocupação e periferização da região do entorno imediato e dos municípios goianos próximos à Capital Federal, resultando

num aumento populacional rápido e desordenado, criando uma disparidade socioeconômica entre o Distrito Federal e seu entorno.

Esses acontecimentos iniciaram-se a partir de 1970, pois os fluxos migratórios não se dirigiam mais só para Brasília, mas também para o seu entorno no estado do Goiás, começando assim um processo de periferização da região, uma vez que se deu início também nessa época a emigração dos segregados de Brasília, que não conseguiam arcar com os altos custos da moradia, para a região do entorno, em busca de habitação não atendidas na capital.

Os processos sociais, econômicos, culturais e espaciais desse contexto foram determinantes para a produção do espaço da feira no Novo Gama. Apesar do desenvolvimento pelo qual a cidade vem passando nos últimos anos, este não foi suficiente para criar empregos e renda para a maioria da população dessa cidade, que em sua maior parte continua trabalhando no Distrito Federal. O espaço ainda é carente e possui alto índice de violência. A cidade possui atualmente vários assentamentos e bairros consolidados, sendo que os bairros mais populosos são: Núcleo habitacional Novo Gama, Jardim Lago Azul, Lunabel, Chácaras Araguaia, Chácaras Minas Gerais e o Parque Estrela Dalva VI, que é mais conhecido como ‘Pedregal’, onde funciona a feira no domingo e grande parte do comércio local. Os serviços e equipamentos urbanos são deficitários, por exemplo, não há hospital público, nem todos os bairros possuem escolas; postos de saúde; ruas asfaltadas; rede de água potável e esgoto; espaço para lazer; policiamento e coleta de lixo adequada.

4.3 - Organização e processos de ocupação dos espaços na feira

Circulando por entre as bancas, verificamos diferentes formas de relações sociais e econômicas que se estabelecem, bem como o modo como se realiza a lógica de organização do espaço da feira. Através da organização dos setores da feira percebemos como se dão as formas de uso e ocupação desse espaço. Nas observações, verificou-se que há uma organização por setores em que predominam determinados produtos. Em alguns casos o zoneamento da feira se faz de forma espontânea, não há uma exclusividade de artigos, apresentando uma organização flexível. Quanto à organização dos setores tem o setor das carnes e peixes, setor de aves, o setor de roupas, calçados e acessórios, setor de frutas, legumes e verduras, o setor de cereais e farinha, no centro da feira fica o setor de bares e restaurantes e distribuídos pela feira encontramos bancas que vendem utensílios domésticos, artigos chineses, bolos, caldo de cana e pasteis. Numa rua lateral, por trás das bancas de

4.4 - Descrição dos resultados das entrevistas

4.4.1 - Perfil dos consumidores

Dos trinta consumidores, entrevistou-se quinze homens e quinze mulheres. Das 15 mulheres, 10 se disseram casadas, 04 solteiras e 01 divorciada. Dos homens 12 responderam que são casados e 03 disseram ser solteiros.



Figura 11-Gráfico com consumidores por sexo e estado civil

Quanto á idade dos entrevistados 06 tem entre 18 a 30 anos ; 12 apresentam idade entre 31 a 40 anos; 07 tem idade entre 41 a 50 anos; e 04 tem idade entre 51 a 60 anos

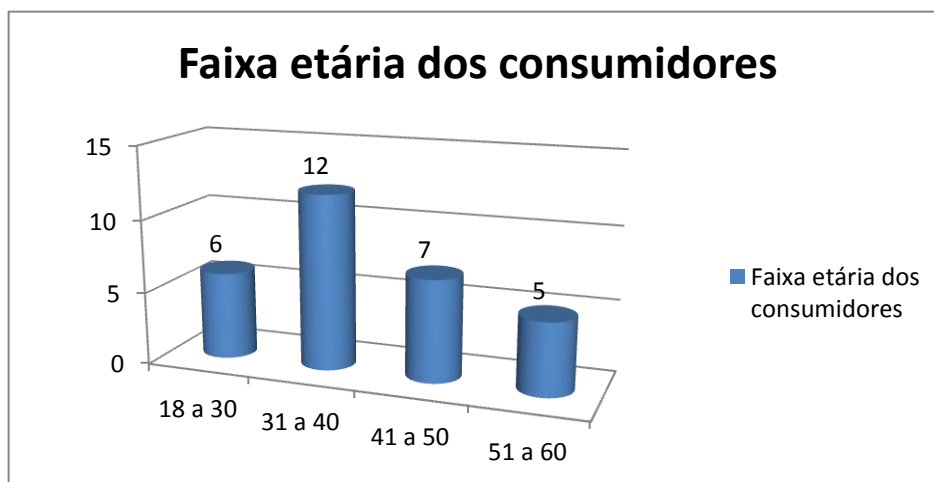


Figura 12- Faixa etária dos consumidores

Quanto ao local de residência, 14 moram no próprio município e 10 são procedentes do DF; 06 são dos municípios goianos próximos, divididos conforme o gráfico abaixo.

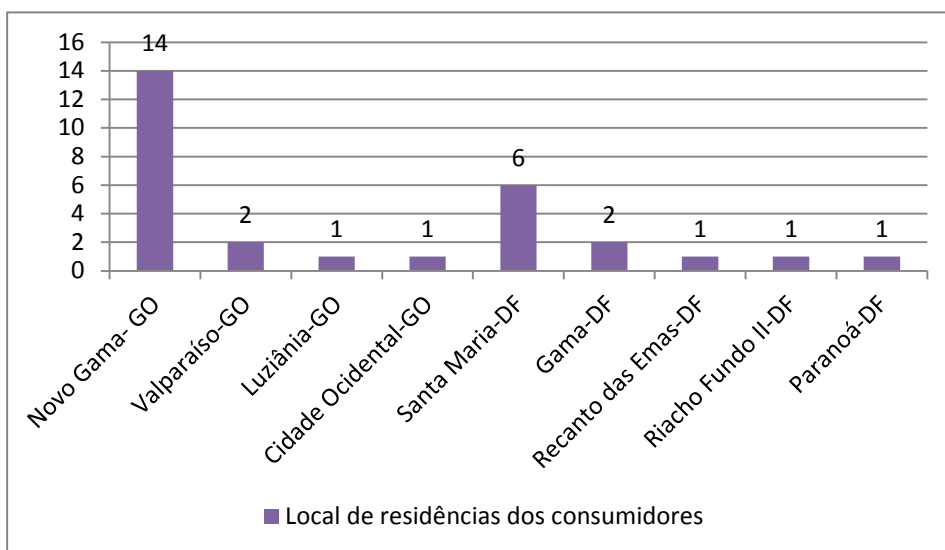


Figura 13 - Local de residências dos consumidores.

Quanto como chegam à feira, os que moram na própria cidade ou em Santa Maria chegam à feira a pé, de bicicleta, ônibus e/ou carro próprio, os de outras localidades utilizam moto, carro ou ônibus.

Quanto ao grau de instrução, 03 se declararam analfabetos ou não completaram o fundamental inicial, 12 relataram que concluíram o fundamental inicial ou não finalizaram o Fundamental Final, 08 completaram o Fundamental Final ou Ensino Médio incompleto, 06 disseram ter ensino médio ou superior incompleto e 01 disse ter ensino superior completo.

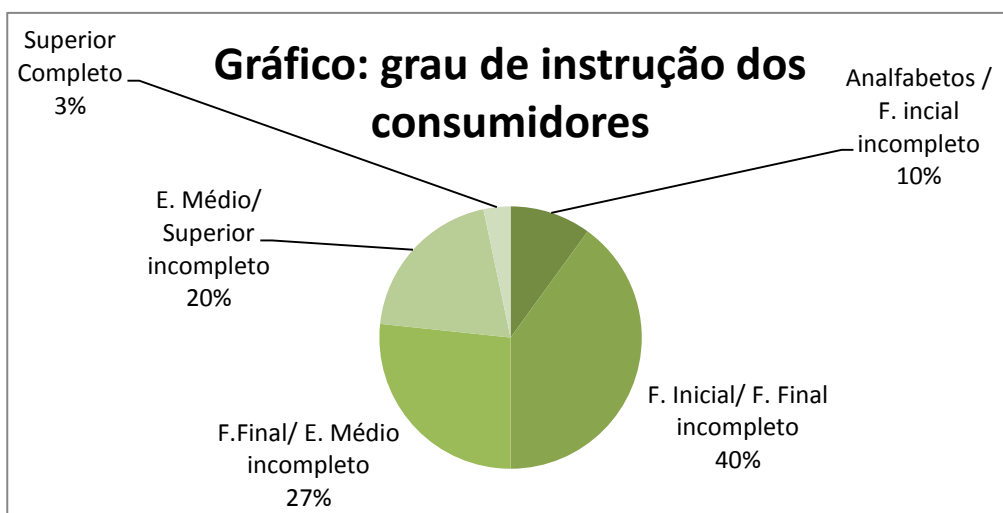


Figura 14 - Gráfico: grau de instrução dos consumidores

No item ocupação, 06 mulheres informam ser dona de casa, 03 trabalhar como doméstica e/ou diarista; 02, professora, 01 estudante, 01 disse trabalhar na área hospitalar, 01 na área de transporte público. Já os homens informaram na maioria ser empregado de empresas privadas, 05 na construção civil, 02 motorista, 01 porteiro, 03 autônomos, 01 aposentado, 01 desempregado; 02 servidores público. (01 policial e 01 fiscal). A maioria dos entrevistados respondeu que conheceu a feira através da família ou porque mora próximo. Conforme o gráfico abaixo:

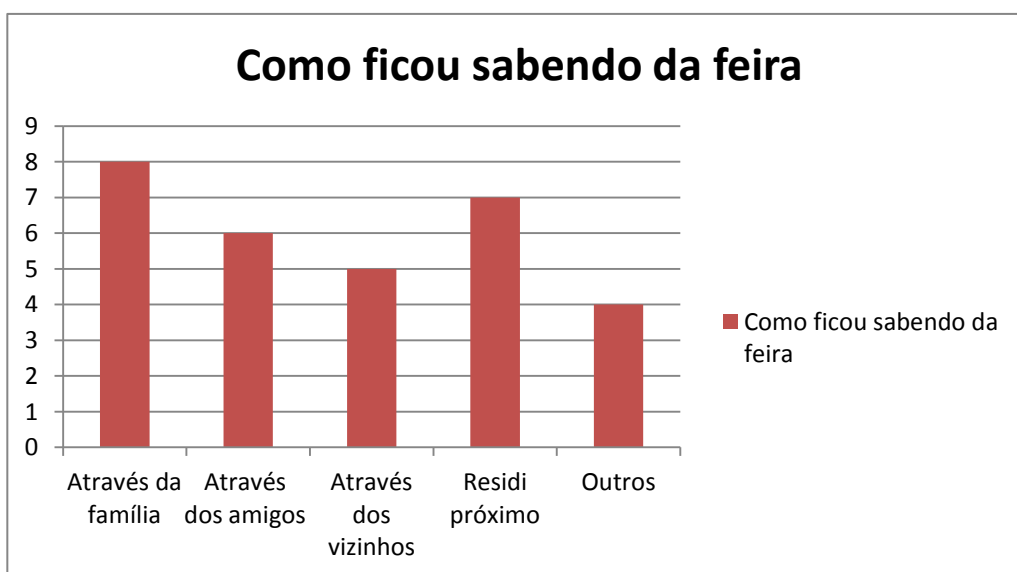


Figura 15 - Como ficou sabendo da feira

Quanto à frequência que vão à feira, 18 referiram semanalmente, 06 mensalmente, 03 quinzenalmente, 01 disse que era a primeira vez, 02 de vez em quando.

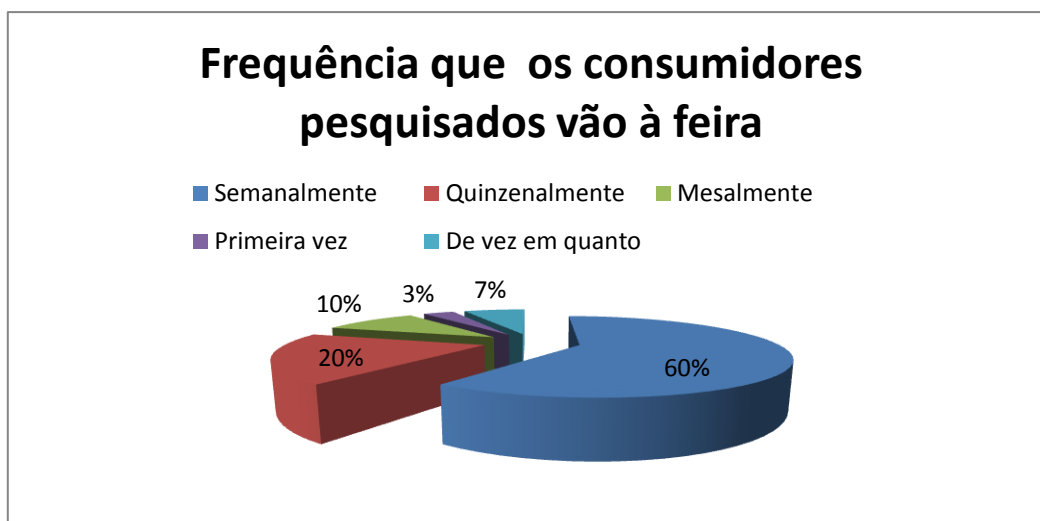


Figura 16 - Frequência que os consumidores pesquisados vão à feira

As pessoas vão à feira principalmente para comprar e passear, os gêneros que os frequentadores mais buscam na feira são legumes, frutas, verduras e roupas. Os que buscam alimentação pronta consomem caldos, comidas típicas - principalmente, nordestinas-, cerveja e refrigerantes. A maioria frequenta a feira por causa da movimentação e da variedade dos produtos. Foi solicitado aos entrevistados que dessem uma nota de 1 a 10 para alguns itens, a média foi a seguinte: limpeza, nota 4; variedade das barracas, nota 9; tamanho da feira, nota 9; horário de funcionamento, nota 10; preço, nota 8; atendimento dos feirantes, nota 7; exposição dos produtos, nota 5; qualidade dos produtos, 7.

4.4.2 - Perfil dos feirantes

Entrevistamos vinte e seis feirantes e a entrevista revelou os seguintes dados: 15 moram na zona urbana do município, 03 na zona rural e 08 em outras cidades próximas.

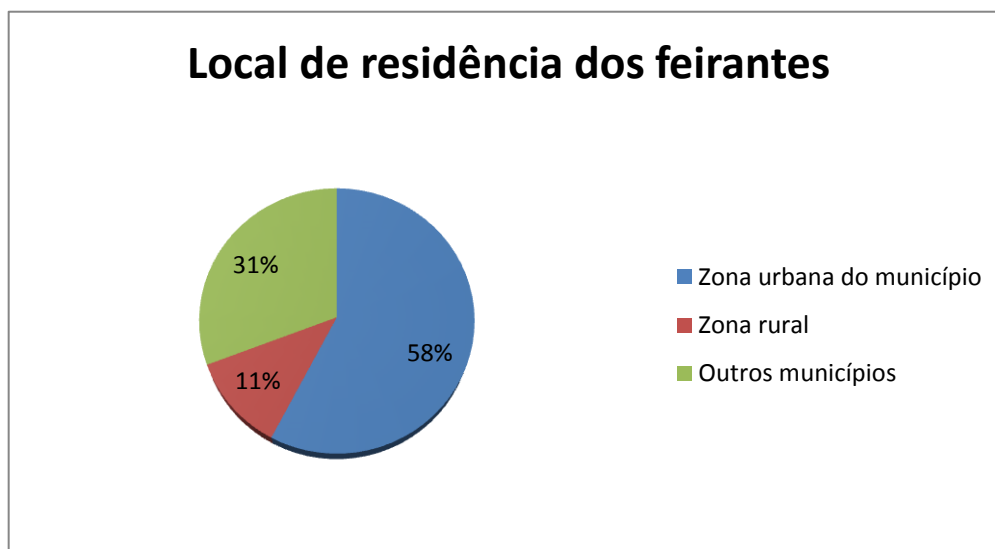


Figura 17 - Local de residência dos feirantes

Quanto ao grau de instrução nenhum dos feirantes pesquisados disse se analfabeto, 10 responderam que tinham o ensino Fundamental inicial, 09 estudaram até Fundamental Final, 06 ficaram na escola até o ensino Médio; um tem ensino Superior incompleto.

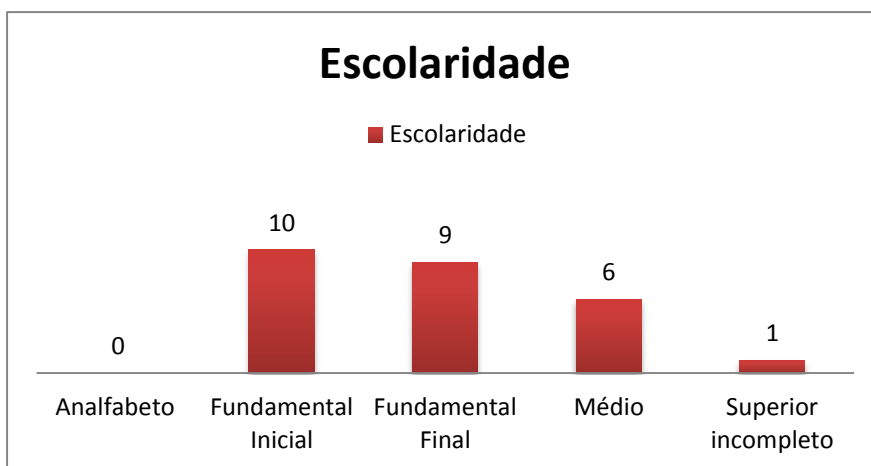


Figura 18- Escolaridade dos feirantes.

Os que moram em outras cidades disseram que chegam a feira de veículo próprio ou fretado, Dos feirantes que residem no município, dois disseram que moram próximos, vão a feira a pé e levam seus produtos em carrinhos de mão , outros residentes de outros bairros chegam a feira de carro, de ônibus e carroça

Quanto ao tempo de atuação na feira, encontramos uma variação muito grande. Há pessoas que atuam na feira há mais de trinta anos e outros que acabaram de começar. Os entrevistados comercializam carnes, peixes miúdos (sarapatel/buchada), aves, hortifrutigranjeiros, roupas, calçados, acessórios, cereais, bolo nordestino, beiju, comidas e bebidas.

A grande maioria respondeu que possui fregueses fixos; quanto ao local onde adquire os seus produtos, vai desde o local (na feira mesmo) 04, municípios próximos 03, Ceasa 05, produção própria 03, Goiânia 03, São Paulo 04, outros centros 04.

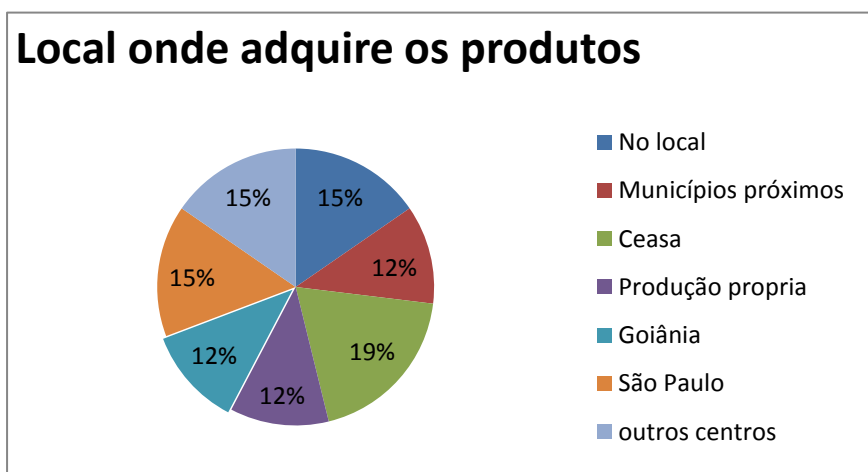


Figura 19 - local onde adquire os produtos

Onze informarão que possui outra atividade além da feira, as atividades foram: pedreiro, agricultor, comerciante de motocicletas, comerciário , carpinteiro, diarista, segurança, padeiro, autônomo (bicos).

A maioria tem alguém da família para ajuda ou algum funcionário, 12 dos vinte seis pesquisados participam de outras feiras principalmente das feiras dos goianos, quarta feira(roupas, calçados e acessórios) e sábado (mercadorias diversas) no Gama e da feira da cidade ocidental no sábado.

5 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

Considerando a feira sob a ótica da teoria dos dois circuitos econômicos de Milton Santos, a feira livre é uma atividade econômica do circuito inferior da economia, pois exige baixo investimento de capital, ajuda de familiares trabalhando, baixo estoque de produtos, venda a vista, presença intermediários entre o produtor e o consumidor, entre outros. Mas quanto ao consumo observamos dois grupos:

Para o primeiro grupo de consumidores, identificados com atividades laborais do circuito inferior da economia, a feira continua a ser o principal lugar para adquirir produtos. Para o outro grupo de consumidores, ir à feira se tornou uma tradição esporádica. Para o primeiro conjunto de pessoas citado, que adquire os seus gêneros basicamente na feira, a principal justificativa da preferência está relacionada ao preço mais baixos dos produtos e a proximidade do local de moradia; estes são mais pobres e mais prejudicados pela segregação do espaço da cidade, essa população é impedida ou limitada na realização das suas necessidades básicas de consumo pela sua condição econômica, social ou cultural. Para esse grupo, a feira-livre é um acontecimento social, a extensão do seu cotidiano, o seu centro de consumo.

O segundo grupo de consumidores transitam entre o circuito inferior e o circuito superior da economia, pois preferem os supermercados e lojas para compra, já que estes oferecem melhores serviços, estão disponíveis praticamente todos os dias da semana e aberto da manhã à noite. Para estes consumidores, ir à feira deixa de ser uma rotina e passa a ser um local aonde vão ocasionalmente por hábito para laser e/ou passeio e comprar alguns poucos itens só encontrados exclusivamente lá. Esse grupo tem uma situação socioeconômica melhor e acesso mais fácil aos equipamentos e serviços das cidades.

A profissão de feirante totalmente informal, é comum conciliar essa ocupação com outras atividades econômicas. Entre os feirantes, há igualmente aqueles se deslocam nos dias da semana entre as cidades próximas, já que atuam em outras feiras, pois tem nessa atividade a sua principal fonte renda. Para outros a atividade na feira é apenas complementar. Uma das explicações para essas pessoas buscarem trabalho e renda na feira é a baixa escolaridade que dificulta a entrada no trabalho formal e/ou nos melhores posto de trabalho.

A feira tem uma importância econômica, social e cultural tanto para os feirantes quanto para os consumidores, sendo um dos traços mais marcantes da dinâmica do entorno sul do Distrito Federal. Embora aconteça apenas no domingo, ela oferece um caldo social,

caracterizado por uma multiplicidade de relações, imprimindo um dinamismo na centralidade da cidade do Novo Gama diferente do habitual.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos vários aspectos observados na pesquisa, destaca-se que a maioria dos frequentadores (consumidores e feirante) são residentes da cidade ou moram nas localidades próximas de onde a feira é realizada. A busca da feira como centro local de consumo se deve ao processo de expansão da urbanização, pois a região passa por um processo de ocupação de múltiplos lugares, daí surge à necessidade de adquirir bens e serviços. Essa população na sua maioria tem poucos recursos, mobilidade e tempo, então busca na feira no domingo atender as suas necessidades trabalho e consumo.

A feira livre do Pedregal no domingo, além de ser um lugar de consumo, é também uma manifestação social que marca a vida de seus moradores e dos frequentadores. Ela tem o apoio da sua sociedade local e das autoridades, pois se tornou um local de encontro, para fazer compras dos mais variados produtos, como também um local de lazer, pois a região tem carência de locais para lazer e a feira livre proporciona este status de centro de consumo, diversão e trabalho na periferia, oferecendo produtos diversos e comidas típicas, de varias regiões de Brasil. Para muitos é a única forma de sobrevivência ou ainda um dos refúgios para a população que não consegue se inserir no mercado de trabalho.

As atividades dentro de um espaço possuem uma área de influência que define a centralidade, no caso da feira, essa é uma centralidade periférica temporária ou transitória, porque só ocorrem durante a realização da feira, quando há um fluxo de pessoas, mercadorias, informações, veículos, etc., atraindo, basicamente, os que residem no município ou nas cidades próximas.

A maioria dos frequentadores (vendedores, consumidores, visitantes) são pessoas de baixa renda, com baixa escolaridade, casadas, com idade entre 30 a 50 anos, que vão à feira frequentemente, pois é o centro sociabilidade e de consumo deles.

As relações comerciais têm proporcionado mudanças na dinâmica do lugar, uma vez que nos últimos anos se fixaram nas cercanias grandes lojas, que abrem aos domingos para aproveitar o grande movimento de pessoas no horário de funcionamento da feira, das quais se destacam: Casas Bahia, Novo Mundo, Ricardo Eletro, Fujioka, Lojas Americanas, Ponto Frio.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão e BARBOSA, Letícia Rameh. Feira, lugar de cultura e educação popular. In: Revista “Nova Atenas” de Educação Tecnológica. Volume 07, Número 02, jul/dez/2004. Disponível em: <www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais>. Acesso em 12 de outubro maio 2012.

BRAUDEL, Fernand. Os jogos das trocas. – vol. 2 – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em www.ibge.gov.br/catálogos/indicadores. Acesso outubro de 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. Vaqueiros e cantadores. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1970.

CIDADE, Lúcia Cony F. e SOUZA, Sérgio Oliveira de. Geopolítica, modernismo e imagem de cidade: potencialidades e limites do patrimônio turístico no Distrito Federal. Geografia, Rio Claro, v. 27, n. 3, p. 29-70, dezembro de 2002. Revista da AGETEO – Associação de Geografia Teórica.

CORRÊA, Roberto Lobato. A rede de localidades centrais nos países subdesenvolvidos. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, 50 (1): 61-83. Jan/mar. 1988.

CORRÊA, Roberto Lobato. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

CHRISTALLER, Walter. Os lugares centrais na Alemanha do Sul. Tradução Mário Antônio Eufrásio. São Paulo, 1981.

DA GUIA, George Alex. Políticas territoriais, segregação e reprodução das desigualdades sócio-espaciais no Aglomerado Urbano de Brasília. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia da UnB, 2006.

DANTAS, Geovany P. Galdino. Feiras no Nordeste. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/11/7>>. Acesso em: 28 setembro 2012.

FERREIRA BORGES, apud: ALVES, Jorge. “Feiras e mercado interno na História Contemporânea: algumas notas avulsas”. In: Actas do 3 Encontro de História. Vetores de desenvolvimento econômico as feiras da Idade Média à Época Contemporânea. Câmara Municipal de Vila do Conde, 2005.

JESUS Gilmar Mascarenhas. O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência (Rio de Janeiro: 1964-1989), dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ, 1991.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. "Ordenando o Espaço Público: A Criação das Feiras Livres na cidade do Rio de Janeiro" – UERJ, 2005 www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-62.htm

M. G. B. da SILVA, M. S. da CUNHA. O impulso à análise espacial a partir do trabalho de Fred Scherer “excepcionalismo em geografia: um estudo metodológico” (1953): questões

contextuais e teórico-metodológicas. Revista de Geografia. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 24, no 1, jan/abr. 2007.

RAU, Virgínia, Feiras Medievais Portuguesas – subsídios para o seu estudo, Lisboa, Editorial Presença, 1982, pg. 63.

SANTOS, M. 2008. O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. 2 ed. Tradução Viana, M.T.R. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 433p.

SERVILHA, Mateus de Moraes. As relações de trocas materiais e simbólicas no mercado municipal de Araçuaí-MG. Disponível em: <<http://www.extensaorural.ufv.br/dissertacoes/2008/Mateus%20de%20Moraes%20Servilha.pdf>> Acessado em 20 de outubro de 2012

SOUSA, Marcelo Lopes de. Da cidade individual a rede urbana. ABC do desenvolvimento urbano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 49-61.

SPOSITO, M. E. B. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. In: Revista de Geografia. Universidade Estadual Paulista/ UNESP. São Paulo. V. 10 p. 1-18, 1991.

SPOSITO, M. E. B. Multi(poli)centralidade urbana. Presidente Prudente: Gaspper, 1996.

ANEXOS



Universidade de Brasília – UnB

Departamento de Geografia – GEA

Curso de Licenciatura à Distância em Geografia

Pesquisa de campo- questionário com feirantes.

1-Local de residência;

()Zona rural ()Zona urbana ()Outro município

2-Grau de instrução:

Analfabeto () fundamental () médio () médio incompleto () superior incompleto () superior completo

3-Como você chega a feira?

4-Tempo de atuação na feira ?

5-Produto(s) comercializado(s)

Carne () Peixes () Roupas Frutas/Legumes/Verduras () Calçados() Comida () bebidas () Outros

Se a resposta for carne especificar

Se a resposta for “Outros” especificar o tipo

6-Possui fregueses fixos?

Sim () Não ()

7 - Qual o Local onde adquire os produtos?

8-Possui alguma atividade além da feira?

Sim () Não ()

Qual?

No caso do feirante não ter outro tipo de atividade, o que ele acha disso.

9-Possui alguma pessoa para ajudar?

Sim () Não ()

Quem?

10-Participa de alguma outra feira durante a semana?

Sim () Não ()



UnB

Universidade de Brasília – UnB
Departamento de Geografia – GEA
Curso de Licenciatura à Distância em Geografia

Questionário com consumidores

1. Sexo:

☐ F ☐ M

2. Estado Civil:

☐ solteiro ☒ casado ☐ viúvo ☐ divorciado

3. Qual sua idade?

☐ 18 – 30

☐ 31 – 40

☐ 41 – 50

☐ 51 - 60

☐ 71 – 80

4. Qual o local residência? Como você vem a feira?

☐ carro

☐ ônibus

☐ a pé

Outros _____

5. Grau de Instrução:

☐ Analfabeto/fundamental inicial Incompleto

☐ Fundamental inicial / Fundamental Final incompleto

☐ Fundamental Final / Ensino Médio incompleto

☐ Ensino Médio /Superior incompleto

☐ Superior completo

6. Ocupação:

- ☐ Do lar ☐ Desempregado
- ☐ Estudante ☐ Autônomo
- ☐ Empresário ☐ Emp. Emp. Privada
- ☐ Aposentado ☐ Outros_____
- ☐ Func. Public.

7. Como você conheceu a Feira livre?

- ☐ Através da Família
- ☐ Através de Amigos
- ☐ Através Vizinhos
- ☐ Residência perto
- ☐ Outros_____

8. Com que frequência você vem à feira?

- ☐ Primeira Vez ☐ Mensal
- ☐ Semanal ☐ Semestral
- ☐ Quinzenal ☐ Anual
- ☐ Outros_____

9. Você vem à feira livre para:

- ☐ Comprar ☐ Se alimentar ☐ A lazer/passeio ☐ Outros_____

10. Se sim para compra: Especifique:

- ☐ Legumes/verduras/frutas. ☐ Ferro velho
- ☐ Animais ☐ Condimentos
- ☐ Utensílios domésticos
- ☐ Pescado/carne ☒ Roupas e afins
- ☐ Acessórios e bijuteria ☒ Eletrônico
- ☐ Ovos
- ☐ Outros_____:

11. Se sim para Alimentação: Especifique:

- ☐ Pastel/salgados ☐ Caldo de cana ☐ Refrigerante/água ☐ cerveja ☒ caldos
- ☐ Pamonha ☐ Outros_____

12. Qual é o principal motivo para você escolher a feira para comprar/consumir/passear?

- () Horário
- () Movimentação
- () Perto da residência
- () Organização/higiene
- () Hábito
- () Variedade de produtos
- () Alimentos frescos
- () Outros _____

13. De 1 a 10, sendo a nota 1 a pior nota e 10 a melhor, dê uma nota aos seguintes itens da feira:

Limpeza	Variedade de Barracas	Tamanho da feira	Horário
Preço	Atendimento dos feirantes	Exposição dos produtos	Qualidade dos produtos